

EXTENSÃO E *(trans) formação*

II COLETÂNEA DE DEPOIMENTOS DE DISCENTES EXTENSIONISTAS DA UFF



EXTENSÃO E
(trans)formação

II COLETÂNEA DE DEPOIMENTOS DE DISCENTES EXTENSIONISTAS DA UFF

Niterói 2022

Universidade Federal Fluminense

Rua Miguel de Frias, nº 9 - 24220-008 - Icaraí - Niterói, RJ

Reitor

Antonio Claudio Lucas da Nóbrega

Vice-reitor

Fabio Barboza Passos

Pró-Reitoria de Extensão - Proex

Cresus Vinicius Depes de Gouvêa

Coordenação de Difusão e Fomento a Extensão - CDFE/EX

Lucíola Rangel de Luca

Gerência Plena Financeira - GPF/EX

Carlos Antonio Almeida Raeder

Coordenação de Integração Acadêmica - CIAC/EX

André Augusto Brandão

Coordenação de Desenvolvimento e Análise das Áreas

Temáticas - CDAT/EX

Antônio de Souza Boechat

Coordenação de Intercâmbio e Convênios - CIC/EX

Leonardo Marco Muls

Coordenação de Edição

Lucíola Rangel de Luca

Giovanni Mannarino

Tatiana Ferreira da C. e Silva

Diagramação e Arte da Capa

Bárbara da Paz F. Santos

Redação dos depoimentos

Ana Luíza Mamoni Rosseto

Bárbara Buarque de Macedo Lira

Daniel Cosendey Gomes

Elienaia Barros da Cunha

Gabriel Fliess Esch

Georgia Maia da Costa

Guile Gutfilen Schlesinger

Iasmym Alves de Andrade Soares

Isabela Alves Porto

Julia Martins Rocha

Luana Gomes da Silva Ribeiro

Marcela Magniezi Palmeira

Maria Heloísa de Souza Kort-Kamp

Rayene Jacinto de Freitas

Verônica Aparecida Ferrari Fumian

Victoria Lopes Rocha

Copyright by Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal Fluminense Todos os direitos são reservados à Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal Fluminense. Qualquer parte desta obra poderá ser reproduzida desde que citada a fonte.

E96

Extensão e (Transformação) – 2ª Coletânea de depoimentos de discentes extensionistas da UFF / Pró-Reitoria de Extensão - Universidade Federal Fluminense. – Niterói: PROEX-UFF, 2022. – 53 p.

ISBN 978.65.87875.32.3

BISAC

1. Extensão - Universidade. 2. Depoimentos. 3. Coletânea. I. Título.

CDD 378.155.4

Sumário

- 6 Apresentação
- 7 Prefácio
- 9 Para além de profissionais
- 11 Aprender na prática: A Extensão do Ensino que Traz Vida no Campus Universitário
- 13 Vida no Campus: Marco na História de Um Aluno da Baixada Fluminense
- 16 Diálogos necessários entre práticas de aprendizagem dos gêneros discursivos acadêmicos formação do professor pesquisador pelo LabLA-UFF
- 19 A jornada e os desafios na construção de um protótipo de Fórmula SAE
- 21 Relato de Experiência sobre Projeto de Pesquisa, Ensino e Extensão na Graduação
- 23 Quando a vontade de transformar te transforma
- 26 Inovação na extensão universitária: ensinando cuidados domiciliares com o recém-nascido nas redes sociais
- 29 O Show tem que continuar: a experiência de extensão universitária com pessoas idosas no Espaço Avançado durante a pandemia
- 32 Mulheres da UFF na Luta pelo Direito das Mulheres
- 34 Meio Ambiente e Saúde: um passo no presente de olho no futuro
- 37 A face interna do Projeto Parasitologia Hoje: relatos de uma extensionista em formação
- 40 Aprender com as sementes
- 42 Envelhecimento Ativo: uma experiência de ação extensionista
- 44 Um olhar além dos muros
- 47 Trans(formação) para além dos muros da universidade

Apresentação

Antonio Claudio Lucas da Nóbrega
Reitor da Universidade Federal Fluminense

A experiência da vida universitária é transformadora da vida de milhões de jovens pelo Brasil a fora. Certamente que o aprendizado cognitivo, a exposição a conteúdos desconhecidos e a opiniões originais sobre o mundo nas salas de aula, laboratórios e corredores, são uma força central neste processo de transformação. Mas é no diálogo direto com a sociedade, na “extensão” da sua formação para além dos muros dos campi que o(a) estudante experimenta a concreta força da Universidade e descobre a satisfação de dar voz à população, promover a articulação do conhecimento acadêmico com o popular e cristalizar a responsabilidade de transformar o próximo.

Este segundo número da Coletânea de Depoimentos traz não somente textos sobre programas e projetos de extensão, mas a expressão concreta de sentimentos e vivências inspiradoras de estudantes em transformação. Portanto, são pérolas da transformação da própria sociedade através das nossas dezenas de milhares de estudantes, pois como disse Paulo Freire: “Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo”.

Prefácio

Cresus Vinicius Depes de Gouvêa
Pró-Reitor de Extensão

A Extensão se prepara para um novo tempo de sua trajetória dentro da Universidade. No momento em que repensamos o Projeto Pedagógico Institucional e planejamos a construção do novo Plano de Desenvolvimento Institucional 2023-2027, estamos também experienciando a integração da extensão aos projetos pedagógicos dos cursos de graduação, em consonância com o Plano Nacional de Educação (PNE), Lei nº 13.005/2014 e a Resolução do MEC nº 7, de 18 de dezembro de 2018, os quais estabelecem as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira.

Os princípios e propósitos da Extensão integram formalmente as atividades acadêmicas desde a Constituição de 1988 de forma indissociável com o Ensino e a Pesquisa visando a qualidade da educação. Mas as metas da Extensão extrapolam o meio acadêmico. A responsabilidade social da Universidade demanda uma Política Extensionista que envolva o diálogo genuíno com a sociedade. Desde então, a extensão se estruturou e se fortaleceu promovendo a democratização do conhecimento e a transformação da realidade social. Ações extensionistas sincronizadas com as demandas sociais contribuem para a solução de questões regionais e auxiliam a formação profissional cidadã. Promover a educação e possibilitar que o ensino esteja integrado com a realidade social é uma das missões desta gestão e, como parte dela, permaneceremos: formando profissionais comprometidos com a realidade social; contribuindo com as políticas públicas; promovendo ações transformadoras, democráticas e inclusivas com o objetivo de superar as desigualdades existentes em nossa sociedade.

Dentre os cinco princípios que definem as ações extensionistas, é o “Impacto na formação do estudante” que presenciamos nesta obra. A 2ª Coletânea de Depoimentos de Discentes Extensionistas da Universidade Federal Fluminense (UFF) possibilita ao leitor compreender o poder e a sensibilidade da extensão. Derivada de mais um Concurso de Depoimen-

to Extensionista promovido pela Pró-Reitoria de Extensão da UFF (PROE-X-UFF), a obra é apenas uma amostra do comprometimento do estudante desta universidade. Dar voz ao discente nos ajuda a compreender o nosso esforço, nossas fragilidades e o longo caminho que devemos trilhar. Já a espontaneidade desses depoimentos demonstra que estamos no caminho certo.

A minha satisfação com o lançamento do segundo número da Coletânea de Depoimentos é indescritível. É para trazer inspiração que nós existimos. E é pelo mesmo motivo que abrimos um espaço para publicar depoimentos de pessoas em formação, que em uma interação dialógica com a sociedade modificaram, pelo que descrevem, o próprio jeito de enxergar a vida. Não é preciso ter atravessado os mesmos dramas, nem estar vivendo as mesmas transformações, para se beneficiar e se emocionar com essas jornadas e com a enorme aprendizagem que elas geraram. As revoluções mais difíceis de realizar, aquelas que exigem mais coragem, são as que acontecem dentro da gente, na esfera íntima e particular.

Aos extensionistas, que seguem com o desafio de promover transformações e autonomia, deixo os meus melhores votos de sucesso no trabalho, sempre confiante na sua competência e sentimento de responsabilidade com a educação pública.

Para além de profissionais

Ana Luíza Mamoni Rosseto

No ano de 2019, eu me mudei de Bauru, no interior de São Paulo, para Volta Redonda, no sul fluminense, onde eu havia sido selecionada para cursar psicologia na Universidade Federal Fluminense. Além dos muitos quilômetros de distância, as diferenças culturais e de ritmo entre as duas cidades e as inúmeras novidades com as quais eu tinha que me acostumar, me deixaram atordoada, questionando se eu havia tomado a decisão certa ao vir para Volta Redonda.

Enquanto essa pergunta ressoava na minha mente, nas primeiras semanas de aula, um veterano da Psicologia me convidou para um projeto de extensão que realizava um trabalho de atenção com crianças, o *Integrando Alegria*. Eu, que ao longo dos anos já havia feito parte de outros projetos sociais, entendi que esse convite poderia ser uma direção para mim nesse novo momento da minha vida. E foi.

Os encontros do *Integrando Alegria* me ensinaram que a proposta do projeto vai além da atenção aos que necessitam na sociedade, o projeto também é um acolhimento para aqueles que, dentro da universidade, precisam cultivar a alegria e a solidariedade.

Quando cumprindo seu papel com a sociedade, o *Integrando* coloca seus integrantes frente à realidade fora do campus, em momentos de recreação e acolhimento das necessidades de ONGs e creches, através de músicas, teatros e campanhas para arrecadar brinquedos, alimentos e roupas. Nesses momentos, nós, alunos da universidade, saímos um pouco do nosso trajeto acadêmico e individual para olhar para o outro, o que há além dos livros e planos pro futuro; nesses momentos, para além de monografias e relatórios, produzimos sorrisos e compartilhamos esperanças de uma vida mais leve e mais feliz para todos.

Já quando dentro da universidade, em reuniões semanais, o *Integrando* oferece aos alunos um momento de reflexão individual e de conexão com

seu eu para além de uma vivência universitária, possibilitando que a experiência da faculdade seja mais completa e nos forme para além de bons profissionais, bons cidadãos.

Assim, o *Integrando Alegria* me acolheu e me ensinou um novo caminho nessa nova cidade, com novas pessoas e novas possibilidades. Ali, conheci amigos que me acompanham até hoje. Ali, brotou em mim a noção de pertencimento que eu tanto buscava ao chegar em Volta Redonda: um espaço para ser tudo que sou e descobrir o que ainda posso vir a ser. Ali, fortaleço em mim, ao longo dos últimos anos, o cuidado com o outro, dentro e fora da universidade.

Dessa maneira, fazer parte do *Integrando Alegria* completa a minha experiência universitária, dando a ela sentido e amplitude, de modo que quando a hora de me despedir da universidade chegar, sei que sairei dela uma psicóloga mais humana, mais autêntica e mais segura do que seria se não tivesse me permitido viver a alegria e solidariedade propostas por esse projeto de extensão que carrego em meu coração.

Ana Luíza Mamoni Rosseto é extensionista do Projeto de Extensão *Integrando Alegria*, coordenado pela professora Ana Paula Martinazzo.

Aprender na prática: A Extensão do Ensino que Traz Vida no Campus Universitário

Bárbara Buarque de Macedo Lira

Entrei na Universidade Federal Fluminense no primeiro semestre de 2016. Já em 2017, comecei a fazer parte como extensionista do Programa Vida no Campus, que atua há 25 anos na universidade, Campus Gragoatá.

A atuação no Vida no Campus proporcionou vivenciar o que antes eu estudava apenas em folhas e leituras. Por exemplo, como estudo Psicologia, me aproximei por áreas da saúde mental e da luta antimanicomial. Mas como poderiam, pessoas que precisam de atenção psicossocial intensa, percorrer as cidades? Na teoria, a cidade é para todos que fazem parte dela, mas como na prática, pessoas que foram confinadas em hospitais psiquiátricos, as quais foram atribuídos diversos preconceitos, como violentos, perigosos, como transitariam pelas cidades?

Estar em constante interação com um usuário da rede de saúde mental, que é membro ativo das atividades do Vida no Campus, me fez responder essas perguntas. Além dele, outros já passaram pelo Vida, e, em 2019, ele também convidou amigos que frequentam o CAPS para participar.

Com ele eu aprendi muito. Quando chegava ao campus, cumprimentava a todos e todas que passavam, fossem discentes, docentes ou limpadoras de empresa terceirizada. Agora em 2022, na volta da pandemia, são pessoas que perguntam por ele: Como ele está? Quando retornará às atividades? O Programa Vida no Campus ensina aos alunos pela prática ativa. Ele perguntava muito “Por que vocês me ajudam?”. E aos poucos eu fui entendendo que ele quem nos ajudava, tanto nas atividades de plantio e cuidados com plantas e árvores do campus, quanto para a formação de profissionais que se relacionam com pessoas com necessidades em saúde mental de modo positivo, sem preconceitos.

O Programa Vida no Campus é diverso, quando entrei contava com alunos da filosofia, farmácia e psicologia. Além deles, técnicos ativos e aposentados, professores ativos e aposentados também. Pessoas com diferentes ida-

des e formações. Fazemos atividades de leitura, escrita, ensino e colocamos as mãos na terra. Durante esses momentos, trocamos diferentes opiniões, e mesmo ao discordar, podemos nos ouvir.

Por ser composto por diferentes pessoas e realizar diferentes atividades, não só relacionadas à saúde mental como também à educação ambiental com crianças e adultos, ecotrilhas, oficinas ecológicas, mini cursos, entre outros; minhas vivências no Programa Vida no Campus me ajudaram a lidar com o diferente, desconstruir preconceitos, construir encontros e escuta, além de me ajustar à mudanças de uma agenda cheia de atividades e interações com outros grupos universitários, professores, instituições, comunidades.

Participar do Vida no Campus transformou minhas concepções, modos de me relacionar e de me entender na cidade e ambientes que habito. Ressignificamos o Campus como local de Vida, não apenas passividade frente a um ensino. Assim, aprendi na prática que é possível transformar concepções, até mesmo de Campus ou universidade, transformar ambientes e ressignificar conceitos. É possível pensar criticamente sobre minhas atuações e relações, transformá-las em conjunto com outros diferentes.

Também aprendi a prática do acolhimento. Sempre me senti bem-vinda no espaço do Programa de Extensão, o clima nunca foi de competição, mas de incentivo e abertura às diferentes ideias. Poder criar tais lugares, assim como o Vida no Campus, em que os diferentes possam construir juntos, é muito importante para minha atuação como psicóloga e relação com outros.

Um grupo homogêneo caminha reto em uma direção, já um grupo diverso olha para diferentes direções, cada olhar se atenta a um ponto diferente na caminhada, há riqueza de observações e diferentes ideias surgem, juntos colocam em prática, e como são diferentes, apoiam-se em diversas frentes. Vivenciei um grupo assim no Programa de Extensão Vida no Campus, e desejo formar outros grupos diversos na vida a frente.

Bárbara Buarque de Macedo Lira é extensionista do Programa de Extensão Vida no Campus 2022 – 25 Anos de Extensão, coordenado pela professora Ana Paula Lopes dos Santos.

Vida no Campus: Marco na História de Um Aluno da Baixada Fluminense

Daniel Cosendey Gomes

A partir da minha experiência durante 6 anos (2017-2022) no Programa de Extensão Vida no Campus, entrei em contato com as áreas da Educação Ambiental e Psicologia Ambiental, além do conceito de Cuidado Psicossocioambiental, ou seja, cuidando da terra, cuidamos dos outros e de nós mesmos.

Minha história com o Programa começou em 2017, quando me inscrevi na disciplina opcional “Psicologia Ambiental” ministrada pela professora Ana Paula Lopes. Junto à disciplina, ocorria o minicurso “Psicologia e Educação Ambiental”, lecionado por membros ativos do Programa Vida no Campus. Os temas eram: Teoria de Gaia pela professora Dalva Pinheiro; História da Psicologia Ambiental pela professora Ana Paula; Educação Ambiental pelo gestor ambiental Liorno Werneck; a Camila, então aluna do curso de farmácia, tinha como tema saúde do solo e o Caetano Paiva, do curso de filosofia, falava sobre a utilização dos resíduos sólidos. As questões me cativaram, passei a estudar todos os textos recomendados e participar ativamente das aulas. Daí, veio o convite da equipe Vida No Campus para ser bolsista de extensão e fazer parte da linda história do programa.

A Professora Dalva Pinheiro sempre ressaltou o poder ativo e interativo da natureza. Tudo o que produzimos no mundo tem resultado e volta com intensidade para nós. Essa perspectiva, apontou para mim, uma possibilidade de trabalho relacional entre a Psicologia e os diversos ambientes. Porque, a medida em que modificamos os ambientes e eles geram efeitos nas nossas vidas, não somos meros espectadores ou cientistas a fim de “preservar e consertar”.

Os encontros que aconteciam às terças e quintas e revezavam entre trabalho teórico e prático, me ajudaram a ter uma rotina de estudos com leituras e escritas, enquanto a parte prática tornava viva a teoria por permitir um momento de olhar o campus e modificar para torná-lo um ambiente acolhedor. Entre às 14 e 16 horas, cuidávamos das plantas e árvores do campus

Gragoatá, e, das 17 às 19 horas, escrevíamos e líamos sobre a relação entre psicologia, ambiente e educação. Surgiu então a ideia de escrevermos um artigo intitulado “VIDA NO CAMPUS: 25 Anos de Ações Psicossocioambientais”, apresentado no Congresso Nacional do Meio Ambiente, em Poços de Caldas-MG.

O fruto desses estudos foi o “Prêmio Josué de Castro” recebido em 2018, entregue pelo então Reitor. Sabe, é difícil imaginar como eu, aluno de escola pública da baixada fluminense, poderia compor a história de um programa de extensão tão importante na universidade e ainda premiado. Sou muito grato a todos os integrantes do Vida no Campus. Eles reconhecem os meus esforços.

Não era fácil sair de Duque de Caxias para Niterói todos os dias. Quase 50 quilômetros em ônibus lotado, fazendo baldeação em lugares violentos da cidade do Rio de Janeiro. Eram duas horas na ida e duas horas na volta. Entre assaltos nas ruas e cochilos no ônibus, quando dava para ir sentado, fui estudando. Mas tive muita ajuda e privilégios. E sou muito grato por isso.

Durante a viagem, observava os ambientes. As grandes indústrias na Rodovia Washington Luiz, o Complexo da Maré e os dependentes de crack atravessando a Avenida Brasil. Nas travessias da ponte, sempre pensava: Por que os passageiros dos ônibus que vem do Rio e vão para Niterói são tão diferentes dos que vem da baixada para o centro do rio? Por que o ar-condicionado deles sempre está funcionando? A poluição da Baía de Guanabara era um convite para pensar possibilidades de melhorar aquele ambiente. Migrar por vários pontos da cidade todos os dias, fez com que minha vontade de estudar os ambientes crescesse cada vez mais.

No ano de 2019, tive a grande oportunidade de fazer um intercâmbio para Moçambique. O desejo de encontrar as populações me motivou a fazer essa escolha. O Vida no Campus internacionalizou-se ao passo que desenvolvi, junto a outros alunos e alunas da Universidade Pedagógica de Maputo, um projeto de coleta que separava materiais para a reciclagem. Além disso, pensamos estratégias com os funcionários da limpeza para diminuir o consumo de água e outros materiais usados.

Após apresentação na Universidade de Maputo das atividades desenvolvidas pelo Vida no Campus, fui convidado a ir em uma fundação não gover-

namental chamada Centro de Aquisição de Competências Escolares para o Futuro. Ela tem por objetivo potencializar os alunos em competências extracurriculares necessárias para ascender ao ensino superior e assisti-los no processo de desenvolvimento em diferentes áreas.

Todas essas experiências me ensinaram e me formaram de um modo que considera os ambientes e as pessoas interrelacionados, e como alguém que se interessa em pisar leve nos territórios. O Vida no Campus contribuiu para a minha permanência na universidade, foram os incentivadores da minha trajetória e pessoas com quem pude caminhar junto ao longo de minha formação acadêmica, profissional, pessoal e coletiva.

Daniel Cosendey Gomes é extensionista do Programa de Extensão Vida no Campus 2022 – 25 Anos de Extensão, coordenado pela professora Ana Paula Lopes dos Santos.

Diálogos necessários entre práticas de aprendizagem dos gêneros discursivos acadêmicos formação do professor pesquisador pelo LabLA-UFF

Elienaia Barros da Cunha

Neste relato apresento a minha jornada no projeto extensionista Laboratório de letramentos acadêmicos LabLA-UFF nos anos de 2020 e 2021. O LabLA é um programa de ensino e extensão do Grupo de Estudos e Pesquisa em Leitura e Escrita Acadêmica GEPLA/UFF que busca contribuir com a formação inicial e continuada de professores e para isso promove atividades de ensino e aprendizagem dos gêneros discursivos acadêmicos para graduandos, professores/as da rede pública de Niterói e adjacências.

Conheci o LabLA-UFF em 2019, no meu 2º ano como graduanda do curso de pedagogia UFF-Niterói, através da bolsa de Desenvolvimento acadêmico da PROAES. Como bolsista de Desenvolvimento pela PROAES, exerci participação no LabLA-UFF voluntariamente, compreendendo que as atividades concernentes ao projeto cadastrado na PROAES dialogavam com as atividades do GEPLA-UFF e do LabLA-UFF coordenados também pela minha orientadora de projeto Jéssica do Nascimento Rodrigues.

Meu interesse no projeto inicialmente ocorreu devido às muitas dificuldades na escrita dos gêneros acadêmicos. Apresentava diversas dificuldades gramaticais que provocavam um bloqueio na construção da minha escrita acadêmica. Ademais, os gêneros discursivos acadêmicos diferem dos gêneros aprendidos na educação básica, na medida que são próprios da esfera acadêmica, aprendê-los exigiam não somente a sistematização dos conhecimentos sobre os gêneros textuais, mas também o conhecimento das práticas da pesquisa pela e para escrita a fim de que esta adquirisse sentido na minha formação.

Nesse período de participação no programa, vivenciei atividades que dialogavam a temática dos letramentos acadêmicos. Nestas intersecções, que também eram investigativas, foi possível compreender-me como uma agente de letramento que será professora da educação básica nos anos iniciais. Conceitos como os de linguagens, letramentos, letramentos acadê-

micos e letramento acadêmico na formação docente foram-me apresentados e permitiram uma formação teórica. De igual forma, o diálogo com docentes da educação básica proporcionou o conhecimento das principais dificuldades destes relacionadas ao aprendizado da leitura-escrita acadêmica gerando-me a reflexão sobre as implicações da perpetuação destes medos advindos da educação básica na graduação para a prática docente dentro do espaço escolar.

Nesse sentido, as dificuldades em relação à escrita acadêmica foram expressas em muitos relatos nas atividades extensionistas do LabLA-UFF e assemelham-se às dificuldades de muitos graduandos de licenciaturas que também participam de atividades no LabLA. Pude perceber que meus problemas em relação à leitura e escrita não eram inerentes. É importante salientar que muitos docentes e graduandos sabem que há um problema, mas nem sempre identificam onde está este problema. Estudar este campo assim como participar do projeto de extensão me possibilitou compreender que a inibição relativa ao desenvolvimento da escrita autoral também é fruto de uma construção histórica, social, cultural e política a qual estamos inseridos. Construção simbólica que forma nossa identidade enquanto professores-pesquisadores.

Para que realizar um fichamento? O que é uma resenha? E como publicamos um artigo? Estas são algumas das perguntas que atravessam a formação dos sujeitos e que pouco são dialogadas na formação. A escrita acadêmica é formativa posto que prepara e perpetua a prática da pesquisa na docência. No mundo letrado que vivemos, as pesquisas são compartilhadas em sua forma escrita e para que os professores da educação básica possam compartilhar suas práticas com graduandos em formação, é necessário que se apropriem da escrita do pesquisador, que hoje é a escrita acadêmica. O ensino e aprendizagem desta escrita também podem ser caracterizados como uma forma de conscientização e enfrentamento em uma sociedade que cada vez mais desapropria o profissional docente de seus saberes e precariza o trabalho docente. No cenário atual, é fundamental que haja preocupação com a formação em leitura e escrita dos professores e docentes em formação, pois esta é uma forma de resistência às imposições teóricas e metodológicas difundidas em nossa sociedade atual.

professor pesquisador que intervém em sua realidade e dialoga com a academia sem temer a escrita e, em vista disso, promove atividades de ensino e aprendizagem dos gêneros acadêmicos. A partir deste aprendizado, poderemos nos tornar cada vez mais profissionais autônomos e autores dentro da realidade educacional a qual estamos inseridos. O programa também buscou em tempo de pandemia pelo Covid-19 a aproximação entre doutores, graduandos, professores, academia e educação básica em tempos de distanciamento social, possibilitando assim que os sujeitos participassem de sua escrita e das escritas de outrem, desenvolvendo aprendizagens concernentes à formação para pesquisa de forma coletiva e colaborativa.

Elieanaia Barros da Cunha é extensionista do Projeto de Extensão Laboratório de Letramentos Acadêmicos - LabLA-UFF, coordenado pela professora Jéssica do Nascimento Rodrigues.

A jornada e os desafios na construção de um protótipo de Fórmula SAE

Gabriel Fliess Esch

O curso de engenharia envolve muitos conceitos teóricos matemáticos e físicos durante o ciclo básico, o que normalmente faz com que os estudantes reflitam sobre a sua importância para seu futuro profissional. Assim como a maioria, também tive esse pensamento e, hoje, percebo que nenhum conteúdo é aprendido em vão. Dentro do curso somos apresentados à teoria lógico-matemática para resolução de problemas, que se apresentam teóricos em questões de provas e exercícios, normalmente. No entanto, ao entrar em uma ação de extensão como o Falcons UFFórmula, uma equipe que projeta e constrói um protótipo de Fórmula SAE, os problemas mudam de contexto e forma. Desde o princípio, os participantes da extensão são desafiados a lidar com todo tipo de problemas e tomadas de decisão.

Entrei no projeto de extensão Falcons UFFórmula em abril de 2019, como “trainee” do setor de freios, onde tive a oportunidade de aprender muito sobre o funcionamento básico e dimensionamento de um sistema de freios a disco por 3 meses, além de ser avaliado e treinado para a oportunidade de fazer parte da equipe. Ao fim do processo, fui efetivado como membro do setor (ou projetista), onde logo recebi o desafio de estudar sobre a dinâmica da pressão no interior das linhas de freio, o que me apresentou de início o quão interessante e exigente era o projeto de extensão. No ano seguinte, passei para o cargo de gerente do setor de freios, onde pude experimentar mais um aspecto de aprendizado sobre a equipe, o desenvolvimento de habilidades pessoais e profissionais, como a liderança, oratória e capacidade de trabalhar bem em grupo. Todas de altíssima relevância para o mercado de trabalho, o que me faz refletir sempre sobre o papel principal da nossa equipe: desenvolver seus membros nos aspectos pessoal e profissional, fornecendo oportunidade de ganhar experiências que agregarão de forma significativa no momento da busca por um estágio, que hoje e sempre é de grande concorrência e complexidade.

Para trazer mais informações sobre nosso projeto e competição, nós basicamente projetamos um carro por ano, para a competição nacional e anual realizada pela SAE Brasil, onde por volta de 60 equipes (entre categorias combustão e elétricas) disputam as mais diversas provas, de caráter dinâmico (onde o protótipo é testado em relação a capacidade de aceleração, manobrabilidade, confiabilidade e eficiência) e estático (onde a equipe apresenta relatórios de engenharia, “pitch’s” de negócios no estilo do programa de televisão “shark tank” e até relatórios de custos). Ao final do evento de competição, as 3 melhores equipes em cada categoria de prova recebem um troféu específico, e as 3 melhores equipes no geral recebem a oportunidade de competir em um evento internacional, em Michigan (EUA).

Gabriel Fliess Esch é extensionista do Projeto de Extensão Falcons UFFórmula SAE coordenado pelo professor Ricardo Henriques Leal.

Relato de Experiência sobre Projeto de Pesquisa, Ensino e Extensão na Graduação

Georgia Maia da Costa

O curso de Direito intrinsecamente não tem uma formação adequada para pesquisa, ensino e extensão. Tendo uma preocupação exorbitante em preparar os alunos para o exame da Ordem dos Advogados do Brasil, o desenvolvimento do aluno é focado em resolver questões objetivas e elaborar peças, em que, a técnica de ensino utilizada é de memorização e a de pesquisa por jurisprudências e doutrinas, sem espaço para extensão. De forma que a graduação proponha e oriente uma experiência rasa de pesquisa, ensino e extensão. Eu tive durante a minha, apenas no 1º período, por meio da disciplina de Métodos e Técnicas de Pesquisa Jurídica, e depois, nunca mais tive contato com matérias que ensinassem e colocassem em prática o exercício de pesquisa, ensino e extensão, de modo que, até alcançar o 8º período, não tive preparo suficiente para realizar pesquisas além das bibliográficas, nem aprender além da reprodução, muito menos experiências que desempenhem o papel devolutivo que a universidade deve ter com a sociedade.

Espera-se que haja na formação do estudante um olhar crítico e uma prática devolutiva, e eu só pude ter isso por causa da minha participação na I Clínica Jurídica LGBTQIA+ de Niterói. Já que para construir um caráter contestativo é necessário que seja provocado, e o direito é uma área de conhecimento que induz à acomodação, de forma que ter a orientação de um professor durante seu aprendizado pode te encaminhar para questionamentos que não seriam intuitivos. Além disso, há o compartilhamento de conhecimentos que só é possível através de uma relação interpessoal, já que nas salas de aula o único método aplicado é a imposição do professor para o aluno, de modo que a possibilidade de dar e receber para ambos os lados é viabilizada. E quanto à prática devolutiva, pude observar na prática o papel da universidade com a comunidade externa acontecendo. É fundamental desenvolver atividades que retornem ao povo tudo aquilo que é investido e aproveitado nas salas de aula, de forma que a academia, por meio da clínica, ao realizar trabalhos voltados para as pessoas LGBTQIA+

niteroienses vulneráveis socioeconomicamente promove essa relação de troca entre os indivíduos.

Essa clínica funciona por meio de um grupo de graduandos, advogados e professores que defendem judicialmente os direitos dessas pessoas e que promovem ações para incluí-las na sociedade, através da representação jurídica, elaboração de cursos para defesa, proteção e inclusão desses corpos vulneráveis nos espaços e capacitação desses indivíduos para o meio acadêmico, como a pós-graduação. Como esperado, minha participação nessas frentes me permitiu aprender além do que é ensinado nas disciplinas da faculdade, não porque eu pude conhecer e vivenciar a prática jurídica, construir e aprender com os cursos desenvolvidos pela clínica e me capacitar junto com os aprovados, mas também porque pude conhecer a realidade das vidas envolvidas no projeto e aprender com essas pessoas sobre suas vivências, sobre seus direitos e sobre a melhor forma de protegê-los junto com eles.

Também pude notar outros impactos positivos em mim. A experiência como um todo pode me tornar uma estudante melhor, ao pensar no quanto a universidade deve e pode ser capaz de doar às pessoas ao seu entorno, e essa possibilidade me fez pensar na relevância da relação dos estudantes com os moradores da comunidade ao redor de onde estudam. Além disso, é muito enriquecedor acompanhar as vitórias da clínica na vida de cada pessoa atendida, já que ela atua pelos direitos humanos dessas pessoas, assim como pelos meus próprios direitos, além de sofrer com as possíveis derrotas, que permeiam a realidade desse grupo, de modo que a cidadania possa ser estudada e defendida, enquanto eu estiver aprendendo e atuando pelos direitos de cada um deles. E, por fim, é notável o quanto fui afetada acadêmica e profissionalmente, já que a orientação durante mais de um ano me proporcionou muitas indicações, muito estudo, muitas advertências, muitas adaptações e um olhar crítico para a universidade e para o próprio curso de direito, de maneira que eu possa me enxergar como alguém capaz de gerar mudanças de grande impacto.

Georgia Maia da Costa é extensionista do projeto de extensão Clínica Jurídica para Defesa de Direitos e Inclusão Social da População LGBTQ+ Vulnerável de Niterói coordenado pela professora Carla Appollinario de Castro.

Quando a vontade de transformar te transforma

Guile Gutfilen Schlesinger

Para conseguir escrever meu TCC, pedi para participar do projeto de pesquisa de enteroparasitismo em crianças e moradores de duas comunidades carentes do município de Niterói-RJ, da Professora Yara Leite Adami Rodrigues, docente de Parasitologia Clínica da Faculdade de Medicina. Propus trazer abordagens lúdicas com os alunos das creches como forma de contribuição ao projeto. Sempre muito aberta, a Prof^a. Yara viu nesta mera sugestão uma possibilidade de transformar o que seria uma parte de um projeto de pesquisa para uma aluna sem rumo escrever seu TCC em uma oportunidade de criar um novo Projeto de Extensão.

“Tem chance, de bolsa” foi a frase que convenceu a aluna-desempregada que valia o esforço de ir além do TCC “meia-boca” que eu planejava entregar. E assim, escrevemos e fomos contempladas com o Projeto de Extensão “Uso de Abordagens lúdicas como instrumentos de prevenção de infecções por enteroparasitos em pré-escolares em duas instituições de ensino no Município de Niterói, RJ”.

A abordagem deveria ser construída de forma horizontal com a comunidade escolar. Por isso, conhecer o espaço, a rotina das crianças e do corpo docente era o primeiro passo. Ao entrar em ambas as escolas, encontrei espaços amplos, organizados e limpos com crianças de uniformes novos e cabelos penteados. As professoras traziam atividades educativas estruturadas, com planos de aulas muito bem elaborados. Além disso, a higiene pessoal era parte da rotina das crianças. A boa surpresa, neste primeiro contato, me fez perceber preconceitos que nem eu sabia que tinha acerca da comunidade. Acabei percebendo que, de certa forma, acreditava que eu seria a grande salvadora que rompe os muros da academia para trazer conhecimento inédito àquela comunidade, proporia um programa inovador e, por aquele período, revolucionaria o ensino.

Como foi bom estar errada! Enxergar aqueles indivíduos como seres independentes, pensantes e com vivências únicas desde a mais tenra idade me permitiu um olhar de aprendiz curiosa que há muito havia perdido no decorrer da graduação em Farmácia. Assim, a partir da troca com os docentes e discentes, as ações originalmente traçadas no projeto foram se transformando em atividade multidisciplinares surpreendentes como a construção de um modelo de *Taenia* sp. em feltro para apresentar a letra “T de Tênia” e também trabalhar os números cardinais contando as proglótides. Também construímos um jogo da memória de prevenção e risco de infecção por enteroparasitos que logo se tornou parte da brinquedoteca das turmas. Tornou-se um dos jogos favoritos na hora do recreio de forma livre e espontânea.

Todo material desenvolvido ficava exposto no mural das escolas. Esta exposição abriu um canal inesperado de comunicação com os cuidadores das crianças, que tinham sua curiosidade aguçada, e vinham me perguntar de forma tímida um pouco mais sobre o projeto que as crianças tanto comentavam em casa. Em contraste, os discentes saíam das salas orgulhosos do que haviam construído e recorrentemente mostravam o mural para seus cuidadores. Este empoderamento dos discentes não se limitava ao material construído: durante todo desenvolvimento do projeto, as crianças traziam situações cotidianas em que reforçavam que tinham entendido e se apropriado da importância da prevenção das enteroparasitoses em frases como “Meu pai disse que eu tô fazendo ciência na escola!” V. (5); “meu pai ama carne ‘mal-passada’! Vou contar pra ele![que é perigoso]” S.(5), “Ô tia, sabia que ontem meu pai tava fazendo o jantar e eu falei pra ele lavar bem a mão antes de fazer minha comida? Porque eu não quero um pasita” M. (4).

A exposição também fez com que outros colaboradores da escola viessem buscar informações ou compartilhar histórias comigo. Mesmo não estando diretamente envolvidos no projeto, o mural e entusiasmo das crianças e suas famílias despertavam interesse. Aos poucos, fui percebida como uma espécie de figura de autoridade no assunto nas duas escolas.

Apesar do impacto comunitário, egoistamente percebo que eu fui a maior beneficiada pela ação: além de resultar na publicação de um artigo e no desenvolvimento do tão temido TCC, todo processo me mostrou que o indivíduo é sujeito da própria saúde e educação, independente da faixa-etária, do

nível educacional ou sócio-econômico. Ainda que abordagens prescritivas, quase bancárias - que ‘depositam’ o conhecimento como se a pessoa fosse uma caixa vazia - ou que fazem o paciente repensar sua saúde a partir do medo, muitas vezes trazerem resultados individuais satisfatórios no curto prazo, é através da escuta ativa, da valorização de toda e qualquer experiência e do espaço para expressão do indivíduo que a verdadeira transformação individual e coletiva acontece.

...e como cereja no topo de um bolo de chocolate delicioso, meu “TCC meia-boca” recebeu um dez!

Guile Gutfilen Schlesinger é extensionista do Projeto de Extensão Uso de Abordagens lúdicas como instrumentos de prevenção de infecções por enteroparasitos em pré-escolares em duas instituições de ensino no Município de Niterói, RJ coordenado pela professora Yara Leite Adami Rodrigues.

Inovação na extensão universitária: ensinando cuidados domiciliares com o recém-nascido nas redes sociais

lasmym Alves de Andrade Soares

Me tornei integrante deste projeto de extensão no final do ano de 2019. O mesmo se dava presencialmente, com reuniões na universidade, no hospital e em unidades básicas de saúde do município de Rio das Ostras, realizando oficinas de discussão com as extensionistas e rodas de conversa com gestantes, puérperas e seus familiares sobre os cuidados domiciliares com o recém-nascido. Pouco tempo se passou até que no ano de 2020, a pandemia da COVID-19 paralisou o mundo e fez do isolamento social uma realidade. Mas a Universidade Federal Fluminense não poderia deixar de lado um de seus grandes papéis: promover o desenvolvimento da cidadania na sociedade. Mas, como realizar esse trabalho diante da quarentena? Eu, outras 11 acadêmicas de enfermagem participantes e as professoras coordenadora e colaboradora, nos reunimos via Google Meet para traçar estratégias e repensar a atuação na comunidade. E foi aí que surgiu a grande ideia: adaptar o projeto para o meio remoto!

Assim, em agosto de 2020, criamos uma página na rede social Instagram, dando origem à nova face do projeto, o “Do Parto ao Domicílio” (@do-partoaodomicilio). Foi justamente nesse momento em que me tornei bolsista de extensão no projeto (permanecendo até os dias atuais) e desde então realizo o gerenciamento completo das mídias sociais. Visto que o objetivo do projeto é instrumentalizar as famílias quanto ao cuidado domiciliar com o recém-nascido a fim de que tenham o suporte adequado, o conteúdo postado na página é baseado em fontes confiáveis e seguras como o Ministério da Saúde e a Sociedade Brasileira de Pediatria, e é produzido pelo grupo de maneira dialógica. São realizadas postagens durante a semana, trazendo conteúdos no feed em forma de textos e imagens, além de stories e vídeos no reels. Alguns vídeos produzidos são gravados no laboratório de enfermagem da universidade e contam com o auxílio de bonecos estáticos de vinil, de tamanho similar ao de um bebê, possuindo até mesmo coto umbilical fictício com clamp, o que facilita o entendi-

mento dos espectadores. Somados, os vídeos do reels já possuem mais de 60 mil visualizações!

Diversos temas já foram abordados nas postagens, incluindo: prevenção de acidentes, cuidados com o coto umbilical, banho e higiene do bebê, amamentação, exposição ao sol, cuidado com as roupinhas do bebê, manejo da cólica, introdução alimentar, sono e repouso do bebê etc. A página já conta com 1.100 seguidores, os quais também têm abertura para sugerir temas e tirar dúvidas. Além disso, o projeto também conta com um canal no YouTube, onde são postados vídeos didáticos sobre os cuidados com o bebê, agregando ainda mais conhecimento aos seguidores.

Sabendo que a mortalidade na infância acomete principalmente os recém-nascidos, essa educação em saúde se faz importante, pois promove a saúde da população, prevenindo agravos, e dá autonomia aos pais e cuidadores, principalmente em tempos de tanta incerteza e das chamadas “fake news”. A prática de educar em saúde através das redes sociais fez com que houvesse oportunidade de difundir conhecimentos científicos relevantes, modificando conceitos e transformando o modo de agir na saúde, melhorando, assim, a qualidade de vida dos envolvidos. Pautada na educação problematizadora de Paulo Freire, foi possível identificar as reais necessidades dos indivíduos e criar um espaço de diálogo e troca de conhecimentos para os sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

Visto que o mundo se organiza do ponto de vista das tecnologias, a migração do projeto para o meio virtual tornou possível continuar atuando na comunidade e trouxe benefícios. Enquanto bolsista, inserida nesse cenário, tenho a oportunidade de potencializar minha formação acadêmica, agregando valores técnicos, científicos, éticos e sociais, além de conhecimentos quanto ao uso de tecnologias, tendo aprendido a manusear diversas ferramentas digitais. Ademais, tenho podido identificar as melhores práticas de ação no ambiente virtual, oportunizando a facilidade de comunicação entre comunidade-universidade de maneira coerente. Devido à alta demanda de pesquisas necessárias à confecção das publicações do Instagram e discussões nas oficinas on-line em grupo, aprendi muito sobre bases de dados e documentos científicos, o que favoreceu novas pesquisas e publicações em periódicos. Além disso, pude praticar cuidados importantes para a prática assistencial, como o banho do recém-nascido, por exemplo. Os

encontros em grupo puderam melhorar minha oratória e didática, e meu olhar quanto a colaboração mútua e proatividade. Essa ação extensionista agregou muito para a minha formação acadêmica, mas também como ser humano. É gratificante ver que mesmo diante de tantas incertezas, a educação em saúde pôde persistir e tem alcançado cada dia mais pessoas, e que estou cada vez mais preparada para realizá-la. Como bolsista, tenho novos desafios a frente: a manutenção do meio virtual e o retorno às atividades presenciais.

Iasmym Alves de Andrade Soares é extensionista do Projeto de Extensão Práticas educativas em saúde sobre os cuidados com o recém-nascido no processo de alta da maternidade, coordenado pela professora Fernanda Garcia Bezerra Góes.

O Show tem que continuar: a experiência de extensão universitária com pessoas idosas no Espaço Avançado durante a pandemia

Isabela Alves Porto

O Programa de Extensão UFF Espaço Avançado teve seu início em 1994 e adquiriu crescente relevância, impactando a qualidade de vida da população idosa de Niterói e entorno, assim como a própria universidade, se consolidando como campo fértil também para atividades de ensino e pesquisa. O objetivo do programa é a construção de processos participativos de reflexão e ação com a população idosa, na área de cidadania e direitos humanos, voltados para o envelhecimento. A equipe do Programa é formada por profissionais de diversas áreas, como medicina, enfermagem e educação física. O Serviço Social, enquanto coordenação do Programa, desenvolve além das oficinas, o acompanhamento permanente do público participante. Até o início de 2020, o programa contava com cerca de 250 idosos participando de diversas atividades oferecidas.

Entretanto, a pandemia de COVID-19, declarada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 11 de março de 2020*, trouxe inúmeros desdobramentos para a vida em geral e, particularmente, para a população idosa. Neste sentido, iniciativas voltadas para pessoas idosas tiveram a sua relevância e impacto social reafirmados no atual contexto.

Dentre a ampla diversidade de ações, projetos e serviços desenvolvidos, aqui nos interessa enfatizar a potencialidade da extensão universitária enquanto um caminho para a construção de atividades voltadas para os múltiplos aspectos relacionados ao envelhecimento humano. Foi nesse contexto que o Espaço Avançado, a equipe de trabalho, participantes e as extensionistas tiveram que readaptar todas as ações do programa de modo que pudéssemos permanecer funcionando e manter a excelência do trabalho desenvolvido entre a universidade e a comunidade.

* <https://brasil.elpais.com/sociedade/2020-03-11/oms-declara-que-coronavirus-e-uma-pandemia-global.html> Acesso em 14-05-2022.

Foi exatamente neste contexto que fui contemplada com a bolsa de extensão, no período de setembro/2020. O Espaço Avançado teve que se reinventar e enfrentávamos grandes desafios. Como extensionista, aprendi que a extensão convoca a universidade ao aprofundamento de sua relação com a sociedade, estabelecendo um compromisso com a transformação social. É dever da extensão universitária construir o diálogo entre o saber científico e o conhecimento da comunidade. Frente a esse dever, adentrei no programa e avistei uma equipe empenhada em desenvolver formas de integrar a população idosa participante do programa na utilização das novas tecnologias para dar continuidade às oficinas. Ferramentas como grupo no WhatsApp, chamadas de vídeo pelo Messenger e o uso da plataforma do Google Meet foram utilizadas para encurtarmos a distância que nos separavam.

Ao longo da minha experiência, estive envolvida na Oficina de Teatro coordenada pela professora Paula Kropf. Nesse período, organizamos peças de teatro, saraus, apresentações musicais, todas feitas pelas telas de nossos computadores e smartphones. É importante destacar as dificuldades estruturais e os recortes que delineavam o perfil do público participante das atividades. As participantes da oficina eram majoritariamente mulheres, aposentadas, pertencentes à classe trabalhadora, que enfrentavam naquele momento a recomendação sanitária de permanecer em casa, o que gerava nelas ansiedade, preocupações e, até mesmo, algumas entraram em sofrimento psíquico durante esse período. Era através das oficinas, áudios no WhatsApp e ligações para cada participante, que construíamos uma relação de confiança, amizade e troca de saberes, além de obter o retorno quanto às ações que estavam sendo realizadas e como elas estavam auxiliando positivamente o enfrentamento à pandemia.

Foi nesse cenário de construção conjunta das atividades de teatro que, semanalmente, refletíamos sobre músicas e poesias as quais cantávamos e declamávamos juntas – através das telas. Dentre tantas canções, apresentei a elas um vídeo da música “O Show tem que Continuar”**, a qual carrega uma mensagem de esperança no futuro. A partir da reflexão desta música,

** A música é uma composição de Arlindo Cruz, Sombrinha e Luiz Carlos Da Vila. <https://www.youtube.com/watch?v=WL5eFEKUcPQ> Acesso em 14-05-2022.

elaboramos um vídeo cantado por todos os participantes com o intuito de compartilhar o trabalho realizado pela extensão e levar a mensagem que os participantes almejavam partilhar.

Minha experiência com a extensão universitária, somada ao contexto pandêmico, foi crucial para meu crescimento acadêmico, profissional e enquanto cidadã. Fica então marcada em mim, através da experiência compartilhada, a música supracitada, trazendo à nossa memória a esperança de que dias melhores estão porvir. Pude acompanhar e participar do processo criativo de reinvenção dessas atividades, que impactaram positivamente a vida dos integrantes e contribuiu para o processo participativo na promoção da cidadania, através da atuação integrada comunidade acadêmica à sociedade.

Isabela Alves Porto é extensionista do Programa de Extensão UFF Espaço Avançado - Trabalho social com pessoas idosas: processos participativos na construção da cidadania, coordenado pela professora Maria Carmen Vilas-Bôas Hacker Alvarenga.

Mulheres da UFF na Luta pelo Direito das Mulheres

Julia Martins Rocha

Minha experiência com atividade extensionista teve início no 3^a período da graduação em Direito da Universidade Federal Fluminense. Meu primeiro contato ocorreu por meio de colegas que tinham afinidade com a temática do direito das mulheres. Por meio delas, fui apresentada aos projetos “Maria da Penha Vai às Escolas” (iniciado em 2018), “Elas Por Elas: direito das mulheres em pauta” (realizado em 2019) e por fim do NUPEDIM (Núcleo de Pesquisa e Extensão em Direito das Mulheres).

Além da temática ser de meu interesse, outros aspectos chamavam minha atenção. As atividades extensionistas questionavam a educação jurídica, propondo novos olhares sobre o Direito, nesse caso, preocupando-se em dialogar com as pessoas e auxiliar nas lutas sociais. No projeto Maria da Penha, os diálogos aconteciam entre a universidade e o saber dos alunos das escolas públicas macaenses (com foco no 8^o e 9^o ano). Nelas foram discutidas desde questões históricas da desigualdade de gênero até a violência doméstica e os avanços da Lei Maria da Penha.

Além disso, havia sempre a preocupação de as atividades desenvolvidas contribuíssem com a formação de sujeitos críticos e multiplicadores desses conhecimentos. Para isso, pensamos em dinâmicas que provocavam discussões, abertas para que todos participassem. Como, por exemplo, quando debatemos junto aos jovens estudantes o significado de músicas populares que naturalizam a violência doméstica.

Durante minha visita às escolas, senti que o projeto era abraçado de muitas formas pelas mulheres. Diversas delas demonstravam interesse e simpatia, identificando-se com a temática. Sendo-me relatado diversas vezes, por mulheres que encontramos no caminho, suas experiências e como romperam relações tão penosas.

A minha experiência mais marcante foi em um CIEP no bairro Parque Aeroporto, local onde morei grande parte da minha vida. A princípio fomos

informadas que recentemente a escola enfrentava casos de assédio sexual, situação que nos deixou apreensivas. A oportunidade de aprendizado foi enorme. As alunas que participaram com muita coragem se posicionaram diversas vezes, nos inspirando com suas falas sobre seus direitos, sua autonomia, para não se submeter aos interesses de ninguém além de si mesmas.

Na atividade extensionista “Elas por Elas”, atingimos uma diversidade de mulheres. Notamos a presença de estudantes de cursos como Serviço Social e psicologia, mulheres do lar, do ramo Offshore e Onshore, estudantes secundaristas, entre outras. Muitas das voluntárias do projeto participaram também como ouvintes do curso, e como eu, puderam ter uma vivência dúplice. Podemos observar a construção coletiva de um trabalho tão relevante, vê-lo concretizado, influenciando a vida de tantas mulheres, me trouxe um sentimento de realização e pertencimento.

Infelizmente, tivemos nossas atividades interrompidas em razão das medidas restritivas diante impostas pela Pandemia do novo Coronavírus. Foi durante esse momento tão difícil, que passamos a entregar um olhar especial ao trabalho do projeto de tecnologia social desenvolvido no âmbito do NUPEDIM. Ele nos possibilitou desenvolver uma cartilha chamada “Direito das Mulheres: Educação na Luta Contra Violência Doméstica”, trabalho este que foi abraçado pela Secretaria de Educação local e amplamente divulgado no município e região, com intuito de alcançar mulheres através das redes sociais.

Assim, apesar dos desafios, foi possível junto às demais companheiras continuar, mesmo em um contexto de Pandemia, a lutar para levar informações sobre as questões de gênero, diante da emergência da luta pela libertação das mulheres. Um processo cheio de aprendizados e encontros, no qual renovo cotidianamente minha esperança, no meu papel e na luta popular.

Julia Martins Rocha é extensionista do Programa de Extensão Núcleo de Pesquisa e Extensão em Direito das Mulheres – NUPEDIM, coordenado pela professora Fernanda Andrade Almeida.

Meio Ambiente e Saúde: um passo no presente de olho no futuro

Luana Gomes da Silva Ribeiro

Desde pequenos, somos instruídos a “fazer” e “não fazer”, no entanto, por vezes não sabemos o motivo e não perguntamos o porquê. A questão é que, em um mundo de constantes transformações, entender o novo e aderir as mudanças é vital, uma vez que o nosso futuro depende de entender o passado e cuidar do presente. Assim, devido a importância de difundir e compartilhar o máximo de informação precisa e de qualidade, pode-se considerar o conhecimento como um ponto de equilíbrio e conexão entre as diferentes esferas da sociedade. Desta forma, mediante a importância dessa coletividade, temos os projetos de extensão, que popularizam a ciência feita na universidade, dando um retorno à população por meio de linguagem clara, simples e acessível, como o DescartUFF.

Em 2021, tive o prazer de integrar a equipe do DescartUFF, um projeto de extensão vinculado a UFF que busca informar a população acerca do descarte de medicamentos e sua matéria prima, juntamente com impacto ambiental relacionado a sua prática incorreta. O projeto, desde a sua criação, utiliza o meio digital (redes sociais e site) como maior aliado para “conversar” com a sociedade, principalmente pela capacidade de alcançar um público amplo. No mesmo ano da minha entrada, com o novo modelo de “vida híbrida”, aproveitamos para nos reinventar, e então, intensificamos as postagens e passamos a produzir e compartilhar não somente textos, mas curiosidades e vídeos de curta duração também. Foi gratificante receber o feedback da nossa nova abordagem, pois além de conseguir um público cada vez mais diversificado (diferentes idades, lugares, universidades, áreas de atuação, entre outros), também aumentamos o nosso alcance e engajamento. Hoje, a nossa conta no Instagram conta com mais de mil seguidores, que para nós significa muito mais que apenas um número, mas uma quantidade significativa de pessoas dispostas a saber mais acerca do descarte correto de medicamentos e outros produtos relacionados.

Assim, uma vez que a garantia da saúde e do bem estar depende do estado em que o meio ambiente se encontra, e seguindo a nossa temática, boa parte do conteúdo produzido visa exemplificar e reforçar a todo momento as consequências ambientais do descarte incorreto, associado à hábitos cotidianos equivocados, e sua relação direta com a saúde da população, levando a duas perguntas necessárias “Por que não fazer?” e “Por que fazer?”, inclusive para a própria equipe. Com a nossa rotina de postagens, percebemos o interesse crescente das pessoas que nos acompanham, visto que não hesitam em nos contactar quando alguma dúvida surge, o que nos deixa sempre cativados, pois é uma forma de contato direto com a comunidade. Por outro lado, essas situações nos ajudam a entender melhor pontos que provavelmente precisam de mais atenção e outros assuntos que podíamos passar a abordar, dentro do nosso foco do descarte.

No início das minhas atividades como colaboradora do DescartUFF, escrevi o meu primeiro texto de divulgação científica para o projeto e logo percebi a responsabilidade depositada em mim para que aquele assunto fosse corretamente abordado e repassado a população. Com a extensão, desenvolvemos a autonomia e confiança necessária para utilizar o ensinamento teórico, que a universidade nos proporciona, com o que podemos de fato aplicar na prática, tanto que o próprio projeto surgiu de uma matéria de Educação Ambiental ofertada na UFF, unindo o descarte com o uso racional de medicamentos. É importante ressaltar que, participar de um projeto de extensão, além de expandir o conhecimento da população, gera um ensinamento mútuo, pois a cada tema temos o cuidado de pesquisar, buscar informações corretas e confiáveis e de maneira atualizada, contribuindo para o nosso domínio acerca de determinado assunto. No ano passado, toda a equipe contribuiu para a realização do primeiro evento online do DescartUFF, chamado de “Vivências no descarte – hospital, home care e domicílio” e ficamos muito satisfeitos com a receptividade e interesse de maneira geral. Esse foi mais um dos nossos recentes feitos e conquistas, que vão desde apresentação em eventos, até publicações em repositórios e prêmios em concursos.

Deste modo, devido a pandemia da COVID-19, acompanhei cada vez mais a valorização e importância dos serviços de excelência prestados pelos profissionais da área da saúde e, por isso, visando uma graduação completa,

busco aproveitar de maneira plena o que a universidade pode me oferecer, como a extensão. Agora em 2022, o DescartUFF continua suas atividades, e segue antenado nos assuntos que cercam o descarte de medicamentos, sendo que o nosso objetivo é alcançar cada vez mais pessoas, influenciando novos hábitos nesse quesito. Uma vez que reconhecemos a relação entre problemas de saúde pública, como resistência a antibióticos, e impactos ambientais, somos capazes de fazer com que um passo diferente no presente, possa trazer grandes benefícios no futuro!

Luana Gomes da Silva Ribeiro é extensionista do Projeto de Extensão DescartUFF, coordenado pela professora Julia Peixoto de Albuquerque.

A face interna do Projeto Parasitologia Hoje: relatos de uma extensionista em formação

Marcela Magniezi Palmeira

As parasitoses são infecções ainda muito frequentes no Brasil, dentre as justificativas podemos citar fatores climáticos, sociais, econômicos e culturais que contribuem para o desenvolvimento e transmissão de parasitos. Em um contexto geral, há uma grande relação entre as taxas de prevalência de parasitoses e a ausência ou deficiência das condições de saneamento básico, baixa escolaridade, moradias inadequadas e dificuldade de acesso aos serviços de saúde. Um fator de risco para a manutenção desse cenário é a falta de conhecimento sobre estas infecções e suas medidas profiláticas. Há, portanto, a necessidade de divulgação de informações corretas e acessíveis como ferramenta de intervenção para controle e prevenção das parasitoses. No Projeto Parasitologia Hoje, buscamos ser promotores desta divulgação, atuando como veículo de comunicação e interação com a comunidade como um todo.

As ações de educação em saúde e divulgação científica são realizadas através do perfil do Projeto (@parasitologiahoje) nas redes sociais por meio de três postagens semanais contendo informações relacionadas à Parasitologia. Durante o curso do projeto, produzimos materiais autorais em mídias digitais como vídeos, cartilhas, imagens de acervo, memes e jogos educativos, todos com linguagem simples e inclusiva, sempre inserindo a audiodescrição para a acessibilidade das imagens e vídeos (#paratodosverem e #pracegover). Com essa atividade pude desenvolver novas habilidades para o uso de plataformas de criação dos materiais, como o Canva e aplicativos para edição de vídeos, agregando conhecimentos na minha formação profissional e pessoal. Além disso, pude conhecer e aprender mais sobre a temática da inclusão e acessibilidade nas mídias sociais. Nosso trabalho não seria completo se não existisse a preocupação com a acessibilidade dos conteúdos, permitindo que pessoas com deficiência que utilizam as redes também acessem e compreendam os materiais como os demais usuários. Essa é uma apren-

dizagem contínua e penso poder utilizar em diversos campos de atuação profissional e pessoal.

Para a discussão do planejamento das postagens, seus formatos e temas, realizamos reuniões quinzenais com os extensionistas e a orientadora. Nos encontros discutimos temas atuais, notícias, eventos, artigos científicos, dentre outros recursos que são de interesse do público alvo do projeto. Esta atividade é de grande importância para o desenvolvimento do projeto pelas trocas de experiências e conhecimentos entre os membros da equipe e a construção de um processo de ensino-aprendizagem compartilhado. Durante a pandemia, enquanto estava afastada fisicamente da universidade, esses encontros remotos contribuíram para a manutenção de um sentimento de pertencimento à UFF, permitindo o desenvolvimento de novas habilidades e mantendo a motivação com a contribuição em grupo. Ter esse contato mesmo que virtual durante o isolamento social foi muito enriquecedor para a manutenção das relações interpessoais e compartilhamento de vivências.

No projeto, também realizamos a manutenção e administração do perfil nas redes sociais, analisando os dados métricos e interagindo com o público, através de feedback positivos e algumas dúvidas sobre as publicações. Essa interação direciona nossas ações e tipos de conteúdo compartilhados, buscando sempre que as informações sejam mais disseminadas e melhor compreendidas por um público cada vez maior. A comunicação nas redes sociais com a comunidade é imprescindível na criação de laços e afinidade, unindo grupos de interesse comum.

A importância do projeto ficou cada vez mais nítida à medida em que o número de seguidores foi aumentando e o feedback positivo às postagens crescia, contribuindo para a promoção da educação em saúde e para a popularização científica nas redes sociais, de forma objetiva e clara para a comunidade no geral, não apenas acadêmica.

De modo pessoal, o projeto tem contribuído para a construção e amadurecimento da minha formação, tanto profissional como pessoal, desenvolvendo em mim um perfil mais humanista principalmente tendo o cuidado com a comunicação como ponto principal. Em cada pesquisa, curadoria, discussão com a equipe, desenvolvo um cuidado frente ao público e como

a informação deve ser transmitida, fazendo o exercício de sempre respeitar a singularidade de cada indivíduo e passar essa informação de uma forma ampla para nossa comunidade. Participar deste projeto é gratificante por perceber que sou um agente ativo na democratização do saber científico para a população para além do espaço universitário, contribuindo para a qualidade de vida das pessoas.

Marcela Magniezi Palmeira é extensionista do Projeto de Extensão Parasitologia Hoje: popularização científica através das redes sociais, coordenado pela professora Danuza Pinheiro Bastos Garcia de Mattos.

Aprender com as sementes

Maria Heloísa de Souza Kort-Kamp

Quando vi a chamada para o projeto de Bancos familiares de sementes não compreendi totalmente a proposta de início, pois, por se tratar de um projeto na área de antropologia, eu acreditei que o foco seria nas relações que se davam em torno das sementes, até então as relações humano-centradas. O banco é um dispositivo de “armazenamento” de sementes que tem o objetivo de multiplicar as mesmas através do empréstimo de variadas sementes crioulas, sementes sem modificação genética, garantindo assim aos agricultores segurança para o plantio e boas sementes para os associados do projeto. Durante as leituras da bibliografia a compreensão de um mundo além das relações humanizadas foram se apresentando diante dos meus olhos, com as reuniões essa percepção ficou cada vez mais clara.

Para além do que eu aprendi com os autores selecionados para o nosso trabalho teórico, o material já coletado por colegas exemplificava como de fato essas relações dos agricultores com as sementes era capaz de formar e fortalecer laços. A implementação de bancos comunitários ganhou uma importância ainda maior, por se tratar de uma tecnologia que pode garantir a segurança alimentar, o fortalecimento dos laços entre as pessoas envolvidas e a cultura local, através do plantio de sementes que carregam histórias.

A construção de uma cartilha para ser utilizada durante as oficinas foi uma das principais atividades desenvolvidas por mim no projeto, ainda em fase de vacinação contra a COVID 19 a nossa presença física ficou suspensa, o que nos levou a construir ferramentas para que pudéssemos utilizar. Dessa forma, foi necessário que eu acessasse vários materiais com a experiência de outros bancos, mostrando a variedade de relações e acordos que podem ser estabelecidos e resultar em sucesso do banco reforçando a ideia da construção de laços.

Do mesmo modo, essas experiências agregaram para que se pudesse compreender como o dispositivo do banco poderia tomar muitas formas, e que

o desenvolvimento desse projeto seria construído aos poucos, a participação como extensionista desse projeto aumentou o desejo de realizar pesquisas em campo, para compreender de perto como aquelas pessoas tomariam para si o projeto e deixariam o mesmo com suas características locais através dos seus acordos.

Contudo, as oficinas tiveram que ser remarçadas algumas vezes, mesmo após a segunda dose da vacina, por motivos de aumento de casos de gripe e incompatibilidade de agendas, adiamento quais me causaram ansiedade em relação a necessidade de estar perto da comunidade e não somente mantendo o contato virtual, e uma proximidade através de dados coletados.

Após algumas remarcações o projeto retornou ao presencial em abril, ocorreu então uma oficina no acampamento Cícero Guedes, na cidade de Campos dos Goytacazes, interior do estado do Rio de Janeiro. O projeto foi bem recebido e, após o interesse manifestado, as novas etapas estão em desenvolvimento para a implementação do banco. A realização desse projeto que entende a semente como algo vivo, que conta a história e mantém memórias e práticas que dão continuidade a famílias, transformou a forma como eu enxergo as sementes e sua forma no mundo.

Por ora, a minha bolsa de extensionista foi renovada para o ano de 2022 e eu terei a oportunidade de continuar acompanhando o desenvolvimento dessa ação de pesquisa e extensão na comunidade campista, que traz afe-tamentos para todos os envolvidos, assim como uma renovação de significados para mim que aprendo de muitas maneiras coisas que agregam não somente a minha vida acadêmica.

Maria Heloísa de Souza Kort-Kamp é extensionista do Projeto de Extensão Bancos Familiares de Sementes, coordenador pela professora Simone da Conceição Silva.

Envelhecimento Ativo: uma experiência de ação extensionista

Rayene Jacinto de Freitas

Em um grande período de tempo, muita coisa pode acontecer e, se tratando do meio acadêmico, essa é uma das certezas que eu sempre tive. Congressos, palestras, visitas técnicas, idas à laboratório e contato com diferentes docentes fazem parte do pacote de mudanças que todo semestre costuma trazer, faz parte do que é esperado, mas assim como me foi dito logo no primeiro período da graduação de Enfermagem- muitos caminhos diferentes e desafiadores existiam, e foi buscando um caminho diferente - e talvez um desafio - que eu cheguei até a Extensão. Desafio é a melhor palavra para iniciar - ou resumir- um pouco do que foi a minha jornada nesse caminho quase desconhecido, mas não foi o meu ponto de parada. Afinal, eu estava motivada a superar todos, subir no barco da Extensão e desbravar os mares do Envelhecimento Ativo.

No início eu era apenas uma aluna com um sonho, mas a partir do momento em que entrei na Extensão algo mudou, começou a tomar forma. Sendo sincera a respeito de sentimentos, senti bastante medo, o novo as vezes assusta e o desconhecido também, mas aquela vontade de ser mais, de ser desafiada ainda estava aqui, eu ainda queria ser o que a técnica diagnóstica Kato-katz é na confirmação do diagnóstico de Esquistossomose: padrão ouro.

Para ser esse tão sonhado padrão ouro, tive que ir de encontro a algumas barreiras e preconceitos que tinha. A última vez que eu tinha tido contato com idosos em um contexto relacionado à saúde foi no ano de 2017. Então eu não sabia como lidar, o que esperar e também tinha uma visão muito limitada, “terminal” e carregada de ageísmo, não diferente de muitas pessoas em nossa sociedade.

As reuniões temáticas que realizamos com os idosos eram maravilhosas, e através da confecção do material a ser apresentado nessas reuniões e também para alimentar o instagram do projeto, do contato com os idosos e também das reuniões de estudo, pude começar a mudar a minha visão

a respeito do envelhecimento. E não só isso, cada experiência que vivi ao longo desses meses foi única. Não imaginei que durante a graduação eu fosse ter a oportunidade de conhecer lugares diferentes e aprender a utilizar diferentes ferramentas, como aconteceu na Associação Brasileira de Alzheimer (ABRAZ-RJ) e com o Programa de Extensão - UFF Espaço Avançado, ou então ter a oportunidade de encontrar com profissionais de diferentes áreas, mas que também se interessavam por Envelhecimento e por assuntos relacionados à pessoa idosa, e também professores da Escola de Enfermagem que só encontraria meses após.

Entrar no projeto também me levou a buscar mais conhecimento. Palesstras, eventos, integração com Ligas Acadêmicas de outras universidades, busca por diversas plataformas que ofereciam cursos relacionados à pessoa idosa, e uma maior aproximação com planilhas, plataformas como o Google Meet e sites como o Padlet tornaram-se comuns. A vontade de produzir algo aumentou e eu posso dizer que nunca estive tão inserida e tão motivada a fazer algo relacionado à essa parte do meio acadêmico.

Deu tudo certo. Hoje em dia posso dizer que após o projeto de Extensão eu não enxergo a pessoa idosa através de certas palavras limitantes, generalistas e preconceituosas. Cabelo branco, morte, bengala, óculos e outras passaram a ser apenas palavras. Ainda posso dizer que sou uma aluna com uma maior experiência, e não só a respeito do envelhecimento ativo. Também tenho noção do impacto que isso exercerá futuramente na minha prática. Uma coletânea de desafios e medos superados com certeza ajudam a construir um profissional. O grande desafio que eu esperava no começo hoje é bem diferente da situação em que me encontro atualmente. Hoje meu desafio é controlar a vontade do “mais” que a Extensão e o projeto plantaram aqui. Essa inquietação e vontade do mais com certeza serão o meu combustível. Cada dia na extensão estudando, vivenciando e aprendendo é um passo mais próximo do padrão ouro. Com toda certeza a Extensão cumpre mais do que se propõe e vai muito além de extensão-ensino-pesquisa. É algo que todo aluno deveria experienciar um dia. É transformador.

Rayene Jacinto de Freitas é extensionista do Projeto de Extensão Envelhecimento Ativo: uma proposta de intervenção interdisciplinar para a promoção da atenção integral da pessoa idosa, coordenado pela professora Moema Guimarães Motta.

Um olhar além dos muros

Verônica Aparecida Ferrari Fumian

A extensão, como o próprio nome já sugere, expande os saberes acadêmicos para além da sala de aula. É um olhar mais criterioso e sensível sobre as coisas do nosso dia-a-dia, mesmo que simples, de como elas interferem na vida de muita gente e de como elas podem ser significativas quando feitas corretamente. O Pega Visão é um projeto extensionista que surgiu durante a pandemia do Novo Coronavírus, com a expectativa de se beneficiar do aumento do uso de redes sociais e trazer algo instrutivo e produtivo no meio da maior crise sanitária do século.

O projeto se baseia em um perfil na rede social instagram, com o nickname @pegavisaouff, com o objeto de popularizar conceitos associados ao sistema visual de diferentes espécies. Ela conta com a ajuda de cerca de 19 alunos dos cursos de Biomedicina, Farmácia, Biologia e Enfermagem e 3 professores supervisores, responsáveis por orientar os estudantes com os conteúdos das postagens. Os estudantes são incumbidos de realizar posts no formato de fotos, gifs e vídeos englobando diversos assuntos, desde a mostra de trabalhos científicos no ramo, curiosidades com assuntos mais leves e comuns, tour pelos os espaços físicos da universidade e até mesmo um calendário anual de datas importantes relacionadas à visão.

Nosso perfil no instagram, hoje, um ano depois de sua criação, consegue ser significativo e necessário para a plataforma e no meio acadêmico. Ele incentiva pessoas, dinamiza assuntos, torna transparente nossa universidade, insere tecnologias novas ao nosso dia-a-dia e torna possível a interação entre centenas de pessoas, de lugares diferentes em tempo real. A página Pega Visão une gostos e objetivos em comum, acumulando conhecimentos e estendendo a ciência de forma acessível para todos.

As Universidades Federais são uma grande fonte de ciência, tecnologia e inovação, embora uma parcela considerável da sociedade enxergue as Instituições de Ensino Superior como um ambiente restrito a um grupo seletivo

de indivíduos e não se sentem pertencentes a este espaço. É justamente neste ponto que se insere a divulgação científica, atuando como um instrumento catalisador da interação entre o público em geral e a comunidade acadêmica. Para a atividade extensionista atingir o seu objetivo é necessário que a ação seja, principalmente, democrática e se valha de estratégias para atingir o público de interesse. Neste sentido, as mídias sociais, como o Instagram, se revelaram uma ferramenta muito útil de comunicação. Uma rede social que circula entre milhares de pessoas independente de sexo, raça, crença, condição social e idade deve ser mais que apenas fonte de entretenimento, mas também fonte de conhecimento e informação de qualidade, e esse é nosso papel. Com a página no Instagram nós falamos sobre a estrutura da UFF, seus laboratórios e projetos envolvidos. Através de vídeos demonstramos como são realizados os procedimentos laboratoriais, mostramos as dependências da universidade, a estrutura para comportar os alunos e principalmente trouxemos assuntos do meio científico para diferentes públicos, por meio de imagens ilustrativas, textos com linguagem popular e aproximação da realidade com a pesquisa.

Ser bolsista do projeto proporciona esse olhar mais cuidadoso sobre esses aspectos, e acaba surpreendendo pelo impacto que pode ter na vida das pessoas, principalmente quando falamos sobre alcançar um público gigantesco e conseguir levar pelo mundo todo o que é feito em quatro paredes de um laboratório da UFF. É de suma importância mostrar quão significativa é a universidade e que isso não está distante das nossas vidas em sociedade, que investir na ciência e no conhecimento podem mudar o mundo, e essa mudança pode começar numa simples rede social. É empolgante todos os processos de formação do Pega Visão, desde a escolha dos temas ao recrutamento de alunos para o projeto. Nos permitiu ver a animação e o engajamento de pessoas novas, de diferentes lugares, que querem também estender sua formação além dos muros da faculdade dá esperanças quanto a nossa nova geração de profissionais. Os discentes se dedicam à confecção de cada Card e vídeo, que demanda tempo, estudo e dedicação para que seja entregue o melhor conteúdo, de uma fonte confiável, dando segurança para quem lê. Sem falar na gratificação de ver todo esse trabalho em prática, com a quantidade de pessoas que são benefi-

ciadas e conseguem ter acesso a dados de qualidade. Ser extensionista te torna mais humano na sua profissão, te lembra o porquê de estar nela, de que devemos sempre buscar a evolução humana e social, e estar no Pega Visão me faz vivenciar isso.

Verônica Aparecida Ferrari Fumian é extensionista do Projeto de Extensão O Instagram como ferramenta de divulgação científica: uma estratégia de popularização do sistema visual, coordenado pelo professor Rafael Brito da Silva.

Trans(formação) para além dos muros da universidade

Victoria Lopes Rocha

A universidade carrega grande potencialidade de formação e transformação, sobretudo por meio dos projetos de extensão, os quais me envolvo e acumulo sentimentos, curiosidades e inquietações que só são possíveis pelo olhar que eles proporcionam. Em 2019, quando decidi participar de um processo seletivo para ingressar no projeto, tinha apenas tempo livre, curiosidade e sede de experienciar tudo o que a universidade oferece. Até hoje, água nenhuma foi suficiente para me saciar. Busco, anseio e disfruto de todas as oportunidades que tenho conhecimento, inclusive essa, a qual tenho a possibilidade de compartilhar minha experiência no projeto de extensão. Para contextualizar, a Incubadora Tecnológica de Economia Solidária do Médio Paraíba (InTECSOL) atua propondo alternativas de trabalho e renda aos grupos vulneráveis, assumindo um importante papel de apoio a uma parcela excluída da população do ponto de vista socioambiental, tecnológico, econômico e emocional. Ao ser aprovada no processo seletivo e compor o grupo dessa extensão, tive algumas dificuldades com a sua dinâmica de trabalho, que, por atuar a partir dos princípios da Economia Solidária, seguiam a autogestão como prática, algo que para mim não era habitual, uma vez que em outros projetos a gestão era vertical e sempre existia um responsável por delegar as tarefas. Apesar disso, com o tempo, consegui entender os trabalhos e a cooperação entre os participantes, adequei-me e participei ativamente das atividades que sempre me brilham os olhos.

Uma das experiências foi junto a outras instituições na formulação da Rede Entre Nós durante a pandemia, que atuou com diferentes coletivos como caixaras, quilombolas, população em situação de rua e moradores de ocupações urbanas. Essa atuação visava conectá-los para aproximar as lutas sociais que envolvem cada uma das comunidades, além de estabelecer uma rede de cooperação solidária para a garantia de direitos fundamentais desses grupos. Com a iniciativa, foi possível alcançar alguns resultados a par-

tir de doações e parcerias, como a arrecadação e entrega de cestas básicas, kits de cobertores e itens de higiene pessoal, e foram realizadas atividades como rodas de conversa, debatendo temas relevantes e selecionados pelos coletivos. Buscar parcerias para conseguir doações foi bastante desafiador devido aos poucos retornos obtidos. Não só isso, mas estruturar lives para divulgar o trabalho e temas importantes para aquelas comunidades exigia uma sensibilidade e cuidado que aprendi junto ao grupo ao decorrer desse processo. Além disso, fazer encontros online com os quilombolas e ouvir suas histórias de luta e resistência foi inspirador. Foram tantos os atravessamentos que sinto e relembro da transformação que ainda me toca.

Além dessa, a atuação mais central na InTECSOL, é a incubação do empreendimento Cidade do Aço-uma cooperativa de material reciclável. A Cooperativa vem se estruturando tanto no que diz respeito à infraestrutura do espaço de produção como ao processo de formalização. Como apontado inicialmente, a Incubadora tem ações integradas, não se limita ao apoio tecnológico, ela inclui também o apoio político, emocional e social, que são transformadores para a vida de cada envolvido, inclusive a minha. Temos espaços permanentes de reflexões, construindo metodologias que considerem a realidade e os saberes da cooperativa, atendendo as necessidades mais emergentes para que consigam exercer seu trabalho. O que mais aprendo com isso é considerar esse encontro de diferentes perspectivas sobre os temas abordados para a construção das atividades. Para exemplificar a atuação integrada do projeto vale ressaltar a criação de apostilas que ensinam a mexer no computador e no celular, uma demanda exigida pelos cooperados para que pudessem operar as máquinas e que foi produzida por nós. O cuidado com a linguagem, a adaptação do tamanho da letra para aqueles que não enxergam tão bem, a preferência pelas imagens e a sensibilidade dos temas que seriam selecionados para incluir na apostila foram algumas das atenções que tivemos ao longo da construção.

Victoria Lopes Rocha é extensionista do Projeto de Extensão InTECSOL: ações junto aos catadores de materiais recicláveis e a outros públicos da Economia Solidária, coordenado pelo professor Luis Henrique Abegão.

ISBN: 978-65-87875-32-3

CBL



9 786587 875323

